

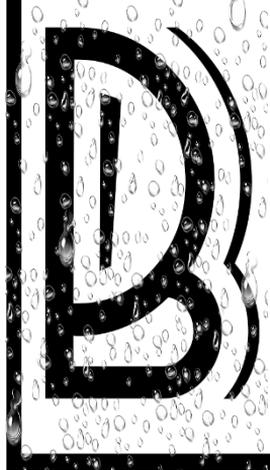
**NOITE
DE CHUVA**

BONDI KIALA



**NOITE
DE CHUVA**

BONDI KIALA



Esta obra é disponibilizada pelo **Bondiy** para diversificar a literatura em Angola de maneira gratuita.



Partilhar e resenhar



Plagiar e vender

Autor | Bondi Kiala

Título | Noite de Chuva

Análise geral da obra |

Copidesque |

António de Matos João

Revisão |

Bondi Kiala

Designer da capa |

Diagramação |

ISBN | 978-989-33-1924-6

Iª edição

© Bondi Kiala, 2021

Protegido, de acordo com o estipulado no Código do direito de autor e conexos.

*“Quando não temos as respostas, precisamos
viver com as perguntas e encontrar o nosso
caminho.”*

Richard Castle

*Para você que, apesar das dificuldades,
segue a página Bondiy no facebook.*

*Sou muito grato
por você dar aquela força para mim*

*além de seguires a minha página,
também és uma pessoa que faz muita diferença
em minha vida como escritor.*

*Quando escrevo,
é em ti que penso.*

*Muito obrigado
por acreditar em mim.*

Prefácio

O que é a verdade?

Não me responda, reflita apenas — o que é a verdade?

Agora faça uma análise, a sua resposta pode ser generalizada?

A sua resposta pode ser única para todos?

Existe uma verdade universal, imutável?

Existe uma verdade tão abstrata quanto concreta e, integralmente, irrefutável?

Eu não sei o que estás a pensar neste momento, mas, posso dizer-te, particularmente tenho uma certeza, uma verdade — a chuva existe. Ela cai sobre nós e sobre a terra, dá vida à natureza para nascer através dela. Dias de chuva, noites de chuva, são certezas absolutas, elas existem dentro do planeta e dentro de cada de um de nós.

Esta verdade torna-se clara como a água no fluxo de Bondi Kiala, na perícia que este jovem escritor tem de conduzir cursos de ideias, correntes de pensamentos e desaguar no leitor sem encharcá-lo. De forma subtil, a narrativa borri-fa-nos com pontos de vistas impactantes.

Noite de Chuva

Noite de chuva é um conto húmido e único, humilde e íntimo. Ela despeja sobre o leitor a leveza da alomorfia, molhando o que chamamos de verdade. A beleza da inocência, coesão familiar, o diálogo como parte fundamental no processo educativo e na fortificação dos laços *Pais-Filhos*, são apenas gotas desta narrativa aspergida.

Uma leitura profunda e intrusiva, tão densa quanto um temporal antes da madrugada. Uma leitura doce e simples, tão leve quanto orvalho na alvorada. O livro fez-me largar a sombrinha, tirar a capa, e jogar-me nos pingos regados com mestria do autor. Dancei sobre a água, respirei, mergulhei nesta viagem intrínseca, libertei-me, deixei-me molhar com a verdade, deixei-me molhar por esta magnífica noite de chuva.

Faça o mesmo.

Boa leitura!

António de Matos João

...

— Mãe, começou a chover — disse o menino, num olhar admirado.

A criança olhava pela janela e, como se fosse seu último vislumbre, contemplava a vidraça embaçada pela água fria da tempestade.

Uma mulher gorducha de lindos olhos cor-de-café atravessou o vão da cozinha, ela, a mãe da criança, carregava em suas mãos uma bandeja com iguarias que ajudavam no crescimento físico e intelectual do menino.

— Ndove, vem comer — disse ela, ríspida. — O teu pai vai chegar tarde de novo, e com essa chuva mais... anda, vem comer!

— Agora?

— Sim, agora!

Ambos olharam um para o outro.

— Ndove. Vem comer!

E pousou a bandeja sobre a mesa.

A criança, num salto, encostou perto de sua mãe.

— Mãe, a chuva me dá medo — disse o menino.

Noite de Chuva

A mãe, deixando o aborrecimento de lado, passou a mão em torno da cabeça do miúdo. Deu-lhe uma bolacha crocante, de facto, o açúcar era o segredo da felicidade. Não passou muito tempo e a criança recuperou-se do espanto do temporal. Entretanto, a chuva lá fora continuava.

Ventos fortes, açoites de ar gelado sobre as alvenarias das periferias de Luanda e, além disso, grandes rugir de trovões em cima da atmosfera.

— Quem fez a chuva, mãe?

— Ah, não... filho — ela disse, deixando escapar o aborrecimento. — Se você quiser, podes perguntar pro papá quando chegar.

A criança pegou em uma outra bolacha e imergiu em direção à boca. Enquanto degustava, o menino dissera algo para a mãe.

— Não entendi — disse a sua mãe —, já te falei que não se fala com a comida na boca, Ndove. Agora, acaba de comer e depois fala.

Ndove engoliu. Ele estava tão empolgado para falar que não ligou para a importância da correcta digestão.

— Ah, Ndove... mastiga bem, você tem que degustar a comida. Come devagar pra ajudar na digestão.

A porta abriu-se, o vento desfilou pela sala. Um homem de trinta e poucos anos ficou parado na porta, completamente encharcado. O homem, embora magro, trajava com o seu belo terno cinza. Trazia em sua posse um guarda-chuva e, nas costas, a mochila preta.

A criança correu e abraçou-o.

A mulher levantou, correu para o quarto e retornou com uma toalha branca, jogou para o homem.

— Possas, essa chuva tá dar na cara! — disse o homem, após secar o cabelo.

A mulher observou o marido, ajudou-o a tirar o casaco e a camisa. O marido cobriu-se com a toalha e sentou pertinho da esposa, ela aquecia-o com o calor do seu corpo feminino.

O marido espirrou. A esposa afastou-se.

Era evidente, uma gripe estava marcada para o coitado.

— Papá, quem fez a chuva? — Ndove questionou.

A mãe não disse nada, porém, a maneira de como ela olhara para o filho, deixava claro seu descontentamento em relação à persistência do menino.

— Ah, Ndove — disse o pai. — A chuva é um fenômeno climático, ou seja, a água passa do estado gasoso para o líquido. *Atchuuuu...*

O som de espirro fez todos, a mulher e o filho, fazerem caras de desgostos.

— Essa não, vou ter gripe — disse o homem encharcado. — Bem, filho, esse processo é chamado de condensação ou liquefação. Tudo isso ocorre na atmosfera e precipita em forma de gotas em direção à terra.

Ndove foi para o pai, parou perto dele e disse, sem receio:

— Não gosto da chuva.

A mãe voltou a sorrir, seus dentes brancos aumentaram ainda mais o esplendor de sua beleza.

— Filho, escuta — disse o pai, passando a mão sobre a cabeça do rapaz —, embora muitas pessoas não gostam das chuvas porque elas estragam os nossos dias e fazem os pais chegarem molhados em casa e ficarem com gripe, as chuvas são boas e fundamentais para o nosso planeta.

— Com certeza — disse a mulher. — Olha pra você, nem sei como vais dormir hoje e ainda me falas que a chuva presta.

— Não, eu não disse isso — ele corrigiu-a. — Você pode deixar de ser irônica por um momento?!

— Depende, queres contar o que pro nosso filho?

— Não vamos começar com isso aqui, nê?!

Ela calou-se.

— Ndove, as chuvas contribuem para o desenvolvimento das diversas formas de vida animal e vegetal.

O tempo passou com o pai explicando para a família que a chuva ocorria de uma maneira incrível. A água, dizia ele, quando aquecida pelo sol ou por outro processo evaporava e transformava-se em vapor de água. Este vapor misturava-se com o ar e, como era mais leve, começava a subir. Deste modo, formavam-se as nuvens densas, quanto mais escura uma nuvem era, mais carregada de vapor de água estava. E, quando atingisse

Noite de Chuva

altitudes elevadas, o vapor condensava, transformava-se novamente em água. Por isso, como ficava pesada e não conseguia sustentar-se no ar, a água acabava por cair em forma de chuva.

A esposa começou a interessar-se pela conversa do marido com o filho, ouvia tudo com mais atenção e, em alguns momentos, contribuiu com comentários edificantes.

— Uau...

A criança admirou.

— Continua, papá!

O pai da família, embora padecendo com a gripe, contara-lhes também sobre outra coisa, explicou que existiam regiões do mundo em que caíam poucas chuvas. Em desertos, como a Arábia, Atacama, e Saara, a falta de chuva em locais como aqueles, dificultava a formação de nuvens e das chuvas. E, após ele cair novamente numa luta de espirros, continuou a dizer-lhes que em regiões como a Floresta Amazônica, as chuvas caíam em grandes escalas pelo alto índice de evaporação da água.

— Ah, então a chuva não é podre — a criança concluiu. — Mas, papá, quem faz isso tudo acontecer?

— É aqui que as coisas complicam — a mãe sussurrou.

— Não complicam nada — o marido rebateu. — É a natureza que faz isso tudo acontecer, filho. O universo é muito vasto, existem muitas coisas que não sabemos como funcionam, mas isso não nos impede de imaginar.

O silêncio deu-se através da ausência de relâmpagos no céu.

Pelo que parecia, a chuva acabara.

Passaram duas horas, o homem da casa finalmente estava agasalhado em um casaco pesado, e a gripe tinha acalmado, por um tempo. A família resolveu sair para ver o quintal.

Apesar dos estragos, a chuva deixara aquele doce aroma de terra molhada, o ressoar do frio nos ouvidos, o belo abanar das árvores. N dove lançou seus olhos para o alto, tudo que viu espantou-o. O céu estava anil como o pélago, as estrelas piscavam e dançavam em harmonia. De facto, tudo parecia ser inteligente e perfeitamente projectado.

O pai, que neste instante olhava para as coisas ao seu redor, inspirou, expirou e disse:

— Então, filho, apesar da ciência ter as respostas sobre o que causa a chuva, nós não temos as respostas para a tua pergunta. Quem faz essas lindas coisas, como a natureza, ou até a chuva, só se responde pela fé.

— Era aqui onde eu temia que você chegasse, Salú — disse a mulher para o marido. — Eu pensei que você não acreditasse nessas coisas, pelo menos, o homem com que me casei não acredita.

— Sim, eu não acredito — respondeu o marido. — Mas, a maneira como a natureza é e se comporta torna lógica a existência de um criador inteligente.

— O que é fé!?! — a criança interrogou.

— Fé é uma energia que Deus dá ao homem para compreender as coisas espirituais, filho.

O pai abaixou e pegou as mãos de seu filho. Olhando ele, o pai, nos olhos da criança, lembrou-se dos velhos ensinamentos que recebeu de seus pais antes de ser o que era agora, um adulto mestrado em alguma daquelas áreas dos “ias”, tais como: astronomia, cosmologia, filosofia, astrologia, etc.

— Sabe, meu filho — o pai começou —, meu pai me contava sempre que tudo que existe no mundo revela a existência de um Deus soberano. Essas estrelas, a chuva, o sol... tudo isso é a revelação que Deus deu de si mesmo para os homens.

Via-se um fundo de tristeza no rosto do *ex engripado*, talvez falar sobre Deus fizesse ele recordar de seus pais.

— Agora estás a falar como o teu irmão pastor, amor — disse a esposa. — O teu irmão uma vez me disse que a criação tem um desenho ordenado, aquilo que vemos por toda parte revela a existência de um desenhista ordenado. Como a criação prova a existência de um criador, Deus revelou-se claramente aos homens. Claro, isso é o que o teu irmão dizia, mas, amor, eu acredito que seria bom deixarmos o nosso filho crescer e ele mesmo escolher em que acreditar. Eu, quando casei contigo, disse que tinha as minhas crenças e convicções, mas já faz algum tempo que, tanto você como eu, temos mudado nossa forma de pensar sobre as coisas que acreditávamos. Talvez devêssemos conversar melhor sobre o assunto. O que você me diz?!

Noite de Chuva

O esposo fez que sim com a cabeça, com o olhar ainda triste.

Todos ficaram em silêncio, olhando apenas para aquilo que a chuva deixara.

Foi neste momento que eu entrei. Eles estavam ali, parados, olhavam em direcção ao céu. Naquele momento percebi que o pai da família do pequeno Ndove acabara de entender que a criação do universo revelava três coisas sobre Deus, assim como os seus falecidos pais tinha instruído ele.

Primeiro, a criação do universo mostrava que Deus era todopoderoso. Ao olhar para o universo, ou neste caso, o céu, a terra, a chuva, etc., o pai da família, a esposa e o pequeno Ndove concluíram que apenas alguém com enorme poder poderia trazer à existência algo tão exato como o universo.

A trajetória da ciência, segundo várias dissertações extraídas e averiguadas em enciclopédias confiáveis, deixa claro que, até o início do século XX, a física era regida pelas leis de Newton. O físico e matemático defendia que a gravidade era uma força causada pela massa dos objectos, e fazia com que eles fossem atraídos um para o outro. O objecto com mais massa atraía mais intensamente. Por isso os corpos mantêm-se sobre o chão da terra, ela atrai-os para o seu centro. Na senda da teoria de Newton, se o sol desaparecesse de repente, os planetas do sistema solar sairiam instantaneamente de suas órbitas, pois não haveria mais a força de gravidade do sol.

Para Newton, a gravidade era uma força de acção brusca, não importava a distância entre os corpos, ela era imediata.

Mas, de acordo com a vasta odisseia da tão sublime ciência, Albert Einstein, o físico alemão, detectou um problema na teoria de Newton. A verdade, segundo os cálculos de Einstein, a luz era a coisa mais rápida do universo, nenhum corpo com massa alcançava uma velocidade superior a da luz, nem mesmo a força de gravidade. Então, se o sol desaparecesse, como seria possível que o nosso planeta terra saísse de sua órbita sem que as pessoas da terra deixassem de ver o sol brilhar? Já que a luz do sol leva cerca de oito minutos para percorrer os seus quase cento e cinquenta milhões de quilómetros que o separam da terra.

Logo, Einstein entendeu que a gravidade teria outra explicação.

Nos dez anos que Einstein passou analisando a controvérsia na teoria de Newton, isso entre 1905 à 1915, ele criou a teoria da relatividade geral. A teoria até hoje aceita e aprovada pela ciência.

Na teoria da relatividade geral, Einstein idealizou as três dimensões do espaço e a dimensão do tempo juntas, formando algo como um pano ou tecido que nos rodeia e que é deformado pela presença dos corpos, isso ele chamou de *espaço-tempo*.

Se aplicarmos o pensamento de Einstein, seria como se o sol fosse uma bola pesada colocada no meio de uma cama elástica, a bola faria com que o tecido curvasse, causando assim a deformação no tecido, seria essa curvatura que criaria o que sentimos como a gravidade. Então, a terra e os outros planetas permaneciam em órbita não porque o sol simplesmente os atraía como dizia Newton. Para Einstein, isso acontecia porque o sol era uma estrela tão pesada que os outros corpos seguiam a curvatura que ele gerava no tecido *espaço-tempo*. Neste caso, a gravidade já não era uma força de atracção entre dois corpos como Newton pensava, ela era o efeito que a curvatura do *espaço-tempo* tinha sobre os outros corpos.

Nesta senda, se o sol desaparecesse, a confusão que isso causaria no tecido *espaço-tempo* criaria uma onda gravitacional que viajaria até os planetas. E, por incrível que seja, segundo os cálculos do próprio Einstein, essa onda viaja exatamente na mesma velocidade da luz.

Por isso, se o sol desaparecesse, nós veríamos ele deixar de brilhar ao mesmo tempo que a terra mudasse de órbita.

Tal facto atestava ainda mais na existência de um criador todo-poderoso, pois só alguém com enorme poder poderia trazer à existência algo tão magnífico como a força de gravidade. Ainda mais, apenas um ser grandioso poderia criar com exatidão a razão entre a força eletromagnética e a força de atracção. A precisão do universo, sem dúvida, dizia na mente de todos os homens “*existe um criador todo-poderoso*”.

Se a gravidade fosse um pouco mais forte o universo cairia num colapso absoluto. E, se a gravidade fosse um pouco menos forte, o universo acabaria e não haveria mais chuva, natureza, sistema solar e, conseqüentemente, os planetas não existiriam.

Noite de Chuva

Não era coincidência que a gravidade fosse exatamente tão forte o quanto ela precisava ser. Isso era obra de um ser todo-poderoso.

Segundo, a família de Ndove, incluindo a esposa, percebera que Deus era muitíssimo inteligente. Naquele momento, eles entenderam que apenas alguém com conhecimento surpreendente poderia projectar algo tão entrelaçado e fazê-lo funcionar de maneira perfeita.

E, por fim, eles também entenderam, ao observar apenas, que Deus era bom. Olhando para o cuidado que Deus tinha para com os seres vivos, concluíram que ele era um lindo Deus. Ocasionalmente Deus permitia que catástrofes naturais, doenças, fomes, etc., ocorressem em lugares determinados por razões determinadas, mas no quadro geral, aquilo não era a actividade normal de Deus para com suas criaturas. Deus era bom.

A família inteira percebeu que eu observava eles já algum tempo. Foi assim que o líder da casa contou-me tudo que narrei até agora.

Como uma simples chuva pode tocar em corações de uma família e ensinar-lhes que Deus era o criador do universo, isso eu não sabia. Tudo aquilo ainda era um enigma para mim.

Eles perguntaram para mim quem eu era, disse-lhes que era apenas um vizinho que procurava por comida. Por mais estranho que fosse, eles aceitaram o meu pedido e deram-me um prato de sopa para comer enquanto contavam para mim sobre tudo que lhes ocorreu nesta noite de chuva.

No dia seguinte, as televisões não falavam de outra coisa senão dos estragos da chuva, da morte de famílias que tiveram suas casas alagadas e de crianças que morreram por não terem um lar. Na rua vi vizinhos reclamando de como podia ser possível o mundo ter tantas desgraças.

Apesar dos apesares, problemas, fomes, doenças e mortes ainda eram um dilema para o povo angolano.

Fim...

Nota de preito

Antes de escrever este conto, passei por um período de dois ou três meses com bloqueio criativo. Sei que muitos não acreditam na existência desse tipo de bloqueio, mas, seja como for, eu fiquei dois ou três meses sem escrever alguma história.

Recordo que, antes de ter escrito este conto, eu teria uma apresentação com um grupo de leitura na mediateca de Luanda, no largo das escolas, no dia 19 de Maio. Isso calhara numa quarta-feira. Mas, dias antes, fiz um áudio longo para o Antônio de Matos, meu colega na Input-editora e mano mais velho com quem tenho aprendido muito. No áudio, eu contara-lhe sobre o bloqueio que tive e que, possivelmente, eu não iria a tempo de mandar um conto para ser publicado pela Input ainda no mês de Maio. Também confessei para ele o meu nervosismo em torno da conversa dura que teria na mediateca com o clube de leitura, seria a minha primeira vez a falar para um público sobre um conto meu.

A resposta, sobre o assunto, foi assim. Matos, após ouvir-me, fez um outro áudio dizendo mais ou menos isto: *“Olha, Bondi, sobre o bloqueio criativo, penso eu, que seja somente o senso de responsabilidade que tem surgido na tua mente. Talvez você devesse apenas escrever o que está no teu coração e não se dar ao trabalho de querer escrever uma história tão original que*

venha da mente, tire o que está no coração. Como muitos tem reconhecido o teu trabalho na internet, você ser um dos membros da Input-editora, a editora que publicou Uma carta do além de Daniel Said, talvez você pensa que o público espera muito de ti. Bondi, escreve só e não liga para outras coisas”.

Após a resposta de Matos, meus dias mudaram, consegui escrever mais. É como disse certa vez alguém: *“Tente ser original na sua obra e tão diligente quanto lhe seja possível, mas não tenha medo de se mostrar pateta. Devemos ter liberdade de pensamento e só é um pensador emancipado aquele que não tem medo de escrever patéticas”* Anton Tchekhov (*Letters on the short story, the drama and other literary topics*. Nova York: Minton Balch and Co., 1924, p. 170-80).

Se você gosta de como escrevo, ou se gostou desta obra em particular, diz isso para mim. Tenho muito a agradecer ao meu caríssimo editor Antônio de Matos. Ele teve grande participação nesta obra, quando terminei mandei-lhe. Ele deu-me uma ajuda tremenda, disse onde eu devia tirar, tapar, melhorar, deixar, cortar... etc.

Se essa obra foi lida por ti, por favor, diz-me o que achou.

SIGA-ME NA INTERNET

Facebook	Bondi Carlos Kiala
Instagram	@bondi_kiala
Wattpad	@bondiy
Gmail	Bondicarloskiala13@gmail.com

Outras obras do autor

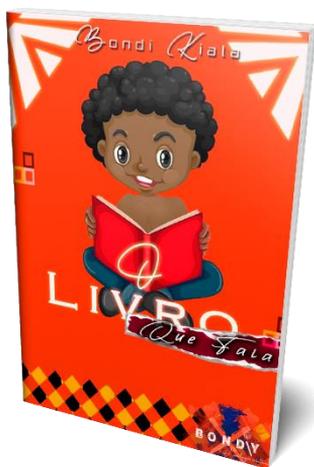


Contos de um natal manso
Colectânea de contos | 59 páginas
1.4 MB

PDF | Grátis | 2020

Link:

<https://bondikiala.blogspot.com/2020/12/contos-de-um-natal-manso-ebook.html?m=1>



O livro que fala
Conto | 19 páginas
768 KB

PDF | Grátis | 2020

Link:

<https://bondikiala.blogspot.com/2020/06/conto-o-livro-que-fala.html?m=1>

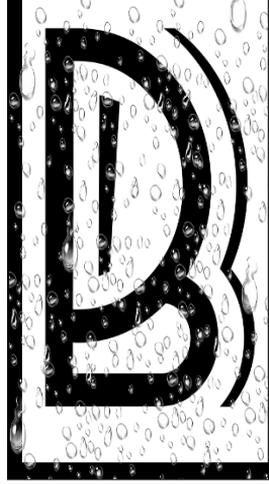


Dias de Chuva
Romance | 108 páginas
1.24 MB

PDF | Grátis | 2019

Link:

<https://bondikiala.blogspot.com/2020/06/conto-o-livro-que-fala.html?m=1>



BONDIY